

# Indeciso, PMDB prefere Mário Covas

Marcondes Sampaio

O líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, é o nome que reúne maior índice de preferências dos seus correligionários (28%) para ser o candidato do partido à Presidência da República, mas quase metade dos peemedebistas (45%) está indefinida em relação à candidatura partidária. O deputado Ulysses Guimarães, que até o ano passado era considerado o "candidato natural" do PMDB, vive o momento de menor prestígio entre os parlamentares do partido. Só 11% continuam determinados a apoiar sua candidatura.

Esses índices resultam de um levantamento que o "Jornal de Brasília" realizou, semana passada, junto a 100 constituintes do PMDB, dois terços dos quais (65) se manifestaram a favor da adoção de um sistema de governo parlamentarista; 30 defenderam o presidencialismo e cinco usaram apenas a expressão "modelo misto". Dos que optaram pelo parlamentarismo, 45 preferem uma forma capaz de preservar aspectos essenciais do presidencialismo brasileiro, a exemplo da eleição direta para presidente.

Brizola

No levantamento, as opções para a presidência da República eram feitas espontaneamente, isto é, desvinculadas de qualquer lista. Além de Covas e Ulysses, foram ainda citados os nomes de Orestes Quêrcia (quatro indicações), José Richa (quatro), Dilson Funaro (três), Waldir Pires (duas) e Miguel Arraes (uma). Embora não pertençam aos quadros do PMDB, o ex-governador do Rio, Leonel Brizola, recebeu duas indicações.

Alguns detalhes do levantamento parecem muito significativos. Entre os 12 deputados de São Paulo que fizeram a opção, apenas um respondeu que votaria em Ulysses Guimarães — o seu amigo Fernando Gasparian. Quatro indicaram que votariam em Mário Covas; outros quatro se mostraram indecisos e três optaram por Orestes Quêrcia.

No Ceará, onde antes nunca houve qualquer foco de resistência ao nome de Ulysses, ele não recebeu nenhuma indicação entre os seis deputados que responderam à consulta. Esse fato pode ser explicado, quando menos, pela

revolta criada entre os peemedebistas cearenses diante do alegado veto de Ulysses à indicação do governador Tasso Jereissati para o Ministério da Fazenda.

A inclusão do ex-ministro Funaro entre os "presidenciais" do PMDB é outro dado que chama atenção. Apesar do fracasso do "Cruzado II", ele foi considerado, pelos peemedebistas gaúchos Jorge Ueued e Iraí Rodrigues e pelo capixaba Nelson Aguiar como o homem público brasileiro mais qualificado no momento para tirar o país da crise em que se encontra.

A queda de Ulysses

Até o início do ano, em qualquer levantamento que se fizesse no PMDB, Ulysses Guimarães despontava com pelo menos 60% das preferências do partido, no que diz respeito à sucessão presidencial. Desgastado pela acumulação de cargos, pelo desprezo às bases peemedebistas e pela preferência dada a um círculo restrito de amigos — que ele chama de "partido" — Ulysses teve sua liderança ainda mais abalada, a partir de março, com a ascensão do senador Mário Covas à liderança do partido na Constituinte. Frequentemente, Covas é citado como o nome em melhores condições no PMDB para enfrentar, com êxito, uma disputa presidencial com o ex-governador Leonel Brizola, inclusive devido ao fator idade — 57 anos, 13 a menos que o septuagenário Ulysses.

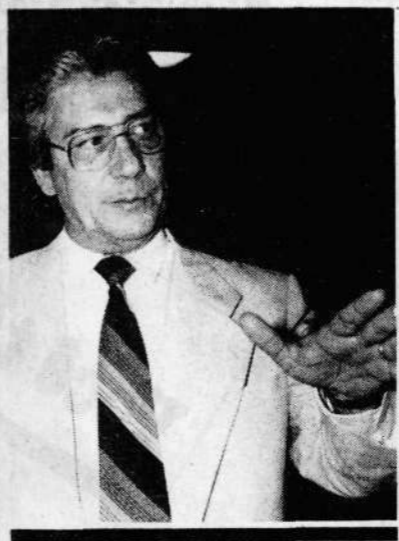
Apesar do desgaste que tem sofrido, alguns peemedebistas acreditam que Ulysses ainda reúne grandes possibilidades para ser o candidato do PMDB à Presidência da República, pois, ao longo dos 16 anos em que preside o partido, ele tem demonstrado grande capacidade de recuperação. Os deputados Domingos Leonelli, da Bahia, e Waldir Pugliese, do Paraná, estão entre aqueles que apostam na candidatura de Ulysses e no revigoramento da sua liderança. Ambos entendem que, na hora de decidir a questão, a grande maioria dos peemedebistas que atualmente se mostra indecisa optará por Ulysses, que eles ainda consideram "o maior símbolo do partido".



ULYSSES

O ideal, para o deputado Ulysses Guimarães, seria a realização das eleições o quanto antes, mas, ciente dos sérios abalos sofridos pelo PMDB junto ao eleitorado que conseguiu o partido nas últimas eleições, ele agora prefere transferir o pleito para 1989. Até março, Ulysses costumava insinuar que o mandato do presidente Sarney deveria ser de quatro anos, porque esse período era o da preferência de Tancredo Neves. A medida em que cresceu a impopularidade do PMDB — principalmente depois da posse dos governadores, impotentes para enfrentar os problemas e atender ao funcionalismo — passou a consolidar-se em Ulysses e entre os que o cercam a ideia de mandato de cinco anos para Sarney.

Aos 70 de idade, Ulysses já passou pela frustração de 1984 quando, na inviabilidade da eleição direta, teve de ceder a vez para Tancredo Neves, que tinha um perfil mais ajustado ao colégio eleitoral indireto. Agora, para compensar a insegurança do seu projeto presidencial, Ulysses é embalado pela alternativa de tornar-se Primeiro-Ministro, caso prevaleça a forte tendência pelo parlamentarismo-já.



MÁRIO COVAS

Apesar da desvantagem com que defende a redução do mandato do presidente Sarney de seis para quatro anos, o senador Mário Covas, 57 anos, insiste em dizer que não será candidato à Presidência no próximo ano. Ele procura demonstrar que a passagem pelo governo de São Paulo — projeto que assume ostensivamente — é uma etapa necessária, para depois pensar na Presidência.

Essa alegação de Covas não parece convincente. Tanto assim que o levantamento do JBr aponta como o nome de preferência dos peemedebistas. O que é mais expressivo, nessa opção por Covas, é que ele reúne as simpatias de representantes de todas as correntes do PMDB, desde conservadores originários da antiga Arena, até representantes da esquerda do partido.

Embora a firmeza de posições seja uma das virtudes mais atribuídas ao senador paulista, ele parece não demonstrar a mesma determinação que revelava em março, de levar o PMDB a uma maior integração com o governo. Sexta-feira última, em entrevista à imprensa, ele salientou que o compromisso maior do partido é com o seu programa e com a democracia.



ORESTES QUÊRCIA

O governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, 47 anos, apresentou, há duas semanas, a mais ostensiva demonstração do seu sonho presidencial. Abandonando a ideia anterior de um mandato de seis anos para o presidente Sarney, ele propôs a realização da eleição direta no próximo ano, para um mandato-tampão de dois anos. Com isso, ele se ajustaria às pressões populares e poderia cumprir quase todo o seu mandato de governador, acumulando prestígio para a disputa presidencial em 1990. Aconselhado por amigos, Quêrcia abandonou a proposta horas depois, convencido da inviabilidade e do desgaste que a ideia poderia lhe causar.

Mesmo que a eleição seja realizada no próximo ano, não se deve afastar a hipótese de Quêrcia ser candidato, como admite um dos seus principais conselheiros políticos, o secretário de Coordenação Alberto Goldman. "O governador de São Paulo, qualquer que seja a circunstância, é sempre candidato à Presidência" — diz Goldman, com o endosso do deputado João Cunha. Ambos lembram que Tancredo Neves deixou o governo de Minas na metade do mandato para disputar a Presidência.

## Brizola ganha espaço

"Se as pesquisas continuarem atribuindo o primeiro lugar a Brizola, será inevitável a debandada de muita gente do PMDB, que passará a apoiá-lo". A previsão é do senador peemedebista Gerson Camata (ES), lembrando que fenômeno semelhante ocorreu em relação à candidatura Tancredo Neves, engrossada pelo apoio de muitos dos seus antigos adversários.

Segundo Camata, "ninguém pode desprezar a liderança de Brizola e sua capacidade de comunicação. Na televisão, ele é um perigo". Consolidada a imagem de nome imbatível para a Presidência — que já lhe é atribuída até por adversários — Brizola não teria dificuldades em atrair a adesão de uma larga parcela dos peemedebistas, acrescentou o Senador. Disse ainda Camata estar infor-

mado de que recentemente dois parlamentares do PMDB e um do PFL foram até o Uruguai, para um encontro com Brizola, mas esse contato acabou não se concretizando porque o ex-governador regressou ao Brasil antes do previsto.

O deputado pernambucano Fernando Lyra, que já esteve com Brizola em algumas ocasiões e que sexta-feira compareceu ao depoimento que o ex-governador prestou na Comissão da Soberania, da Constituinte, esquivou-se de responder diretamente a uma pergunta sobre a possibilidade de votar em Brizola, mas fez uma declaração sintomática. Disse Lyra que, "se dentro de dois, ou, no máximo, três meses, o PMDB não tiver candidato ou candidatos à Presidência, o partido poderá ser ultrapassado pelos acontecimentos".

## Aureliano é o nome do PFL

Gerson Menezes

Se houvesse uma convenção hoje para escolher o candidato do PFL à Presidência da República, não resta a menor dúvida de que o escolhido seria o ministro Aureliano Chaves. Mas ele perderia a disputa presidencial, apesar de ser um grande candidato, porque o partido não tem nenhuma mensagem para dirigir ao eleitorado. Quanto ao ex-ministro Marco Maciel, este não tem mesmo chance, por que "os quadros do Nordeste só chegam à Presidência da República por via de falecimento".

A fria análise da situação do PFL em relação à sucessão presidencial é feita pelo deputado José Thomaz Nonô (PFL-AL), no momento em que estaria se revigorando a disputa entre as correntes «macielistas» e «aurelianistas» com o retorno do ministro Marco Maciel ao Senado, para presidir o partido. Nonô, o deputado mais votado em Alagoas, entre todos os partidos, e uma das mais respeitadas lideranças pefelistas, desmistifica logo de início, aliás, que o partido esteja ainda fortemente dividido entre os aliados de um ou de outro suposto «presidencial». Segundo ele, hoje no PFL é pequeno tanto o número de «macielistas» como de «aurelianistas», embora admita que o segundo grupo seja maior do que o primeiro.

— E uma visão maniqueísta — diz ele — ver até hoje o PFL dividido entre o azul e o encarnado. A grande maioria não tem nenhuma vinculação com essas correntes, embora possa haver simpatia por um ou por outro ministro, mas sem aquele nível de subordinação hierárquica que havia na legislatura passada.

E muito fácio provar isso, segundo frisa Nonô: o ex-ministro Marco Maciel está tendo que se articular para viabilizar sua efetivação na presidência da sigla, enquanto o ministro Aureliano Chaves não pôde, por sua vez, manter um de seus quadros nesse mesmo posto — no caso, o deputado Maurício Campos, de

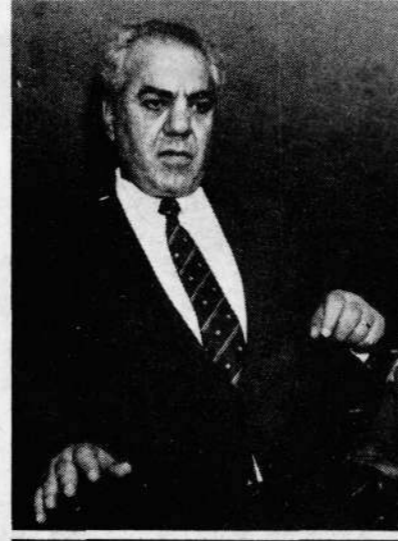
Minas Gerais, que exerce internamente a presidência do PFL.

Nonô diz que a candidatura de Maciel para presidir o partido só foi facilitada pelo entendimento «praticamente consensual» entre os pefelistas de que a função estaria naturalmente reservada ao primeiro ministro que «mostrasse desprendimento» para abdicar o ministério. Numa evidente ironia à ascensão do maranhense José Sarney ao poder, com a morte de Tancredo Neves, ele diz que os nordestinos só conseguem chegar à Presidência por vias como essa, mas de qualquer modo não acredita (contrariando o que pensa boa parte dos pefelistas) que o ex-ministro tenha mesmo a pretensão de ser candidato à Presidência da República. Não crê, consequentemente, que Maciel tenha optado por deixar o Gabinete Civil e presidir o PFL visando esse objetivo.

— Ele sentiu em primeiro lugar — explica — que já não servia mais ao presidente Sarney, tendo em vista as diversas objeções do PMDB. Além disso, estava seriamente preocupado com a imagem que o partido estaria passando ao eleitorado, de sigla de direita e aliada dos «ruruts».

O salutar, segundo Nonô, é que com Maciel o PFL terá um portavoiz «verdadeiramente liberal», cujo grande desafio vai ser exatamente o de administrar a forte tendência do partido de ir para a oposição, sendo ele um homem ligado ao presidente Sarney. O parlamentar prefere não fazer previsões quanto às possibilidades de Maciel conseguir êxito, observando que é neste aspecto que ele terá condições de colocar à prova seu talento à frente da sigla.

Quanto a Aureliano, Nonô não nega o objetivo do ministro de chegar à Presidência da República e sua facilidade em ganhar uma convenção, por se tratar de «liderança carismática, com tradição de lutas e por transmitir imagem de homem afirmativo». Mas não vê chance de ele chegar à Presidência em decorrência da falta de mensagem do partido, decorrente por sua vez do distanciamento entre a cúpula e as bases.

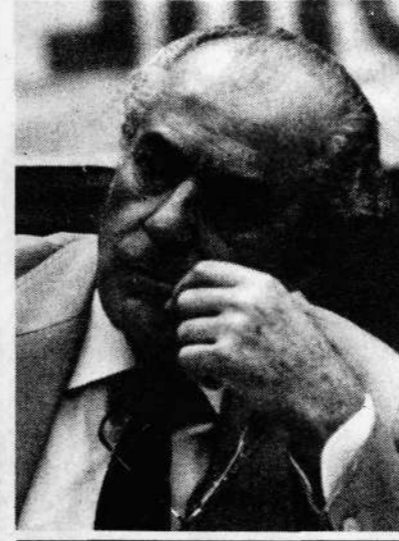


JOSÉ RICHÁ

Depois de Quêrcia, o ex-governador do Paraná, José Richa, é o mais jovem "presidencial" do PMDB — 53 anos. Antes da ascensão do nome de Mário Covas, ele tinha a preferência de muitos peemedebistas que resistem à candidatura de Ulysses por desejarem um político mais "moderno".

Dias atrás, Richa ainda defendia seis anos para Sarney, a pretexto de permitir a coincidência geral de eleições em 1990. Na sua idade, ele não tem motivos para maior impaciência, caso realmente pretenda chegar ao Planalto. A opção inicial pelos seis anos também poderia ser explicada por suas ligações com diferentes setores do atual esquema de poder — a começar pelo presidente Sarney, e pelo ministro do Exército, General Leonidas Gonçalves.

Diante da pressão dos fatos, o ex-governador paranaense já está concordando com a redução do mandato de Sarney para cinco anos. Amigo de Covas desde o início dos anos 60 (seus gabinetes são geminados — Richa poderia ter o apoio do senador paulista, caso ele realmente não pretenda a presidência, na hipótese de a eleição ser mesmo realizada no próximo ano.

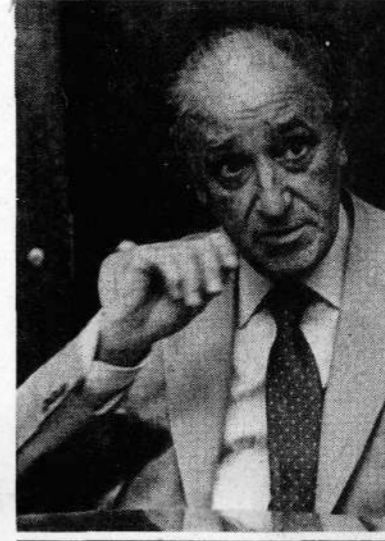


LEONEL BRIZOLA

Entre as grandes figuras que fizeram oposição ao regime de 64, o ex-governador Leonel Brizola é o único que ainda não foi absorvido com naturalidade pelos militares — uma resistência proporcional à imagem que ele detém de ser o político brasileiro com maior carisma popular.

Obcecado pela Presidência, Brizola tem-se posicionado ao sabor dos acontecimentos, no que diz respeito à melhor data para a eleição presidencial. No início do mês passado, ele preferia que o pleito fosse convocado para três meses após a conclusão dos trabalhos da Constituinte. No dia 23, quando o partido reuniu suas lideranças em Brasília, o ex-governador optou por novembro de 88. Sexta-feira passada — motivado, talvez, pela boataria que tomou conta do país na véspera — Brizola já sugeria que a eleição seja realizada dentro de 60 a 90 dias.

Para quebrar as resistências das Forças Armadas, Brizola apelou para frases de efeito: "Minha história com os militares é de amor e ódio. Como tivemos uma fase grande de ódio espero que agora seja uma fase de amor".



OS ESQUECIDOS

Entre os peemedebistas que aspiram a Presidência, o ex-governador de São Paulo, Franco Montoro (foto), não recebeu qualquer indicação no levantamento feito pelo JBr. Montoro, como Ulysses, não pode esperar muito pela chance de disputar o cargo. Por isso, ele insiste em que a eleição seja realizada no próximo ano.

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, também deixou de ser lembrado pelos peemedebistas, embora até ano passado fosse considerado.

O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, é outro pretendente esquecido pelos seus correligionários — até mesmo pela chamada "esquerda independente", que tem seguido a sua orientação. Um dos fatores que pesam contra Arraes é a idade — 72 anos.

O governador da Bahia, Waldir Pires, que também conta com as simpatias da esquerda do partido, recebeu apenas duas indicações. Um deputado do Paraná que optou por Covas observou que o seu candidato "ideal" seria Waldir Pires, mas essa candidatura, a seu ver, é inviável porque, depois de Sarney, é difícil o país ter novamente um presidente originário do Nordeste.